



RÁDIO APLICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA

Roberto Antonio Pereira de Camargo¹

INTRODUÇÃO

O rádio é uma mídia que oferece muitas possibilidades à comunicação social. Suas características de linguagem e de veiculação de conteúdos conferem-lhe um potencial expressivo para alcançar os mais diversos estratos sociais. A narrativa radiofônica explora muito bem o poder de convencimento da linguagem oral, ao estimular a produção de sentidos pela combinação da força emocional da música e outros sons, com a força intelectual dos textos².

Considerando que a mensagem radiofônica suscita efeitos junto ao público receptor e mobiliza a opinião das pessoas que a ouvem, este estudo analisa os possíveis impactos de uma experiência de rádio no ambiente escolar. Apresenta as características da linguagem radiofônica e o histórico da rádio no Brasil, e desenvolve uma ideia de interface entre comunicação e educação, aproximando conceitos das duas áreas. Por fim, situa a criação da Rádio Aplicação no contexto de práticas que utilizam as mídias na educação de crianças e jovens.

Quando surgiu, no início do século XX, o Rádio tinha a proposta de ser um veículo difusor de cultura. Pelo menos no Brasil, os seus iniciadores fizeram um grande esforço para torná-lo um instrumento de educação e transformação social. Havia, porém, muitas dificuldades quanto ao financiamento das operações de

¹ O autor é jornalista, com Especialização em Comunicação Popular e Comunitária pela Universidade Estadual de Londrina - UEL, foi assessor especial do Colégio de Aplicação da UEL durante o período em que desenvolveu estes trabalhos e o presente texto. Contato: robert.camargo@uol.com.br

² A suposta necessidade de uma significação visual das mensagens, da parte do ouvinte, é refutada por Eduardo Meditsch, em seu livro *Teorias do rádio: textos e contextos*.

produção e transmissão, e o acesso da população à nova mídia era bastante restrito, devido ao custo de aquisição dos aparelhos receptores.

As condições para uma ampla disseminação do rádio, como um veículo de grande alcance e penetração, surgiriam somente com a produção em escala de aparelhos de rádio e, principalmente, a partir da criação do transistor, que viabilizou a fabricação de receptores pequenos, leves e portáteis. Quanto à questão do financiamento operacional das emissoras, o mercado tratou de resolver à sua maneira. Considerando que o Estado não investiu em modelos de radiodifusão pública educativa, preferindo dar abertura para a inserção de publicidade na programação, o rádio tornou-se um veículo interessante para os anunciantes, e lucrativo para os 'donos' de emissoras.

Neste cenário, a produção radiofônica configurou-se como fonte de entretenimento para a população, e sua utilização passou a seguir os interesses dos anunciantes, ou seja, a conquista e a fidelização de consumidores para seus produtos. Para ganhar audiência e, assim, dar mais retorno aos anúncios publicitários, as programações passaram a ser segmentadas de acordo com os diferentes públicos-alvo. Essa estratégia se faz evidente pelo conteúdo, pela linguagem empregada por locutores e apresentadores, pela programação musical e pelo formato dos programas. Embora algumas emissoras de rádio, especialmente as educativas, mantivessem um compromisso mínimo com o jornalismo público e com a prestação de serviços, as programações de rádio, em sua maior parte, consolidaram gêneros radiofônicos desprovidos de qualquer intenção educativa, em evidente desvio da finalidade social dos veículos de radiodifusão.

A vocação do rádio para difundir cultura, no entanto, é uma força latente, e seus efeitos podem se concretizar, desde que a intenção de fazer comunicação social seja maior do que o interesse meramente transmissivo de uma programação atrelada a objetivos mercadológicos. Para o pesquisador argentino Mário Kaplún³, comunicar é provocar significados, suscitar mudanças e produzir comportamentos. Comunicar de forma educativa é levar o receptor a perceber a realidade que o cerca,

³ KAPLÚN, Mario. *Producción de programas de radio – el guión, la realización*. Quito: CIESPAL, 1978.

estimular nele a reflexão crítica e promover a interação. Disto se pode concluir que as possibilidades do rádio não se esgotam com o prevalente modelo comercial de exploração das outorgas, mas que uma forma social de apropriação desse meio depende de um agir político e ideológico. Só é possível, no entanto, pensar o rádio em um contexto cultural-educativo, a partir de uma reflexão sobre a comunicação social.

UM CONCEITO ATUAL DE COMUNICAÇÃO

A comunicação está na base das relações sócio-histórico-culturais, com seu caráter de compartilhamento, que envolve difusão e compreensão de ideias e valores. Ao pensar a comunicação a partir desta visão antropológica, Wolton (2004) pressupõe regras e códigos de compreensão mútua, que a educação e a socialização fornecem. Modernamente, as sociedades abertas usam a comunicação também para suas trocas de bens e de serviços. Por isso, entende o autor, o agir comunicativo é o constituinte da base social que conecta o indivíduo à coletividade.

Como estudioso contemporâneo da comunicação, Wolton reconhece a defasagem entre a eficiência da técnica e o progresso da comunicação em seu sentido social e humano. Quanto a isso, defende que a técnica não é tudo, diante da autonomia e senso crítico do receptor de mídia, o que reflete a dimensão social e cultural da comunicação. A suposta superação das distâncias físicas proporcionada por tecnologias como a internet e telefonia celular para nada mais serviu, além de revelar as distâncias culturais que separam as pessoas. As facilidades da técnica expõem os limites da compreensão: quanto mais possibilidades de comunicação entre pessoas, grupos ou nações, observa o autor, mais se procuram reiterar as identidades.

A ideia de que o desafio epistemológico da comunicação é suscitar a compreensão, dado seu caráter de práxis social, é compartilhada Sodré (2006). Por meio da interação comunicativa, isto é, pelos sentidos comunicativamente obtidos, é que as pessoas se orientam nas situações concretas da vida. Sodré afirma que a

percepção afetiva se configura como uma forma de conhecimento, à medida que ativa a capacidade das pessoas de codificar e decodificar as mensagens. Em suas investigações, o autor avalia o potencial emancipatório das estratégias sensíveis para o ser humano, tanto na dimensão receptiva como na dimensão produtiva da comunicação.

Para Cogo (2001), a mídia reconfigura as sociabilidades, enquanto instância de mediação social. A autora recorre à teoria latino-americana⁴, segundo a qual as tecnologias comunicativas adquirem centralidade na sociedade contemporânea, quando atuam como organizadores perceptivos ou reorganizadores da experiência social. Nos estudos de recepção de sua autoria, Cogo verificou a visão formulada pelos jovens de que os meios de comunicação são como espaços de educação informal, os quais tanto podem educar como deseducar. Uma espécie de “escola paralela”.⁵

Teóricos da Escola de Frankfurt, ao descrever os mecanismos de uma suposta indústria cultural⁶, que transforma a cultura em mercadoria, difundiram um conceito restrito de mídia, ao não reconhecerem as possibilidades de movimentos contra-hegemônicos realizados nos espaços da comunicação. Quando Downing (2002) estuda a rebeldia nas comunicações, a ideia do convencionalismo midiático é questionada, diante das rupturas realizadas por meios e práticas alternativas, que se opõem às estruturas de poder e dominação e propõem formas democráticas e participativas de comunicação. Tal questionamento considera, no entanto, que a democracia não é inerente aos processos culturais e comunicativos, dados os diferenciais de poder existentes no interior dos mesmos.

O professor Arlindo Machado, convidado a prefaciar a edição brasileira do livro de Downing, destaca o contraponto apresentado pelo autor à visão adorniana de uma mídia como instituição monolítica, totalmente controlada pelo capitalismo global. Para além das expressões hegemônicas no plano industrial, avisa Machado,

⁴ Uma das principais referências dessa linha teórica encontra-se nos estudos de recepção analisados em MARTIN-BARBERO (1995).

⁵ A expressão “escola paralela” foi usada, entre outros, por Maria Luiza Belloni, no livro *O que é Mídia-Educação..*

⁶ Termo proposto por Theodor Adorno e Max Horkheimer, expoentes da Teoria Crítica.

existem vozes discordantes que, embora subjugadas, buscam caminhos alternativos para se expressar, algumas vezes com um considerável potencial estético, cognitivo, comunicativo e mobilizador de meios massivos. Constatação suficiente para conceituar mídia de forma mais ampla, abrangendo desde as expressões artísticas até a publicidade de ideias por meio de *buttons* e peças do vestuário.

O rádio é destacado na obra de Downing, por ser um meio acessível e de grande alcance, uma espécie de “caixa de ressonância para vozes e ideias” (p. 14), e por sua potencialidade de difusão pela internet. A radiodifusão, pensada na perspectiva de uma “audiência ativa”, pode servir a um público ouvinte qualificado, que não apenas recebe uma programação pronta, mas também elabora seus próprios produtos, como se ocupasse uma esfera pública alternativa. O conceito gramsciano⁷ de “engajamento de massas” oferece uma maneira de entender ações alternativas de mídia em cenários cotidianos, como forma de contestar o *status quo* estabelecido pelos convencionalismos midiáticos, que sustentam estruturas capitalistas de dominação. Em outras palavras, ações engajadas engendram mudanças estruturais da sociedade.

A INTERFACE COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO

Citelli (2006) afirma que os meios, mais do que suportes tecnológicos, constituem uma dimensão estratégica da cultura, e representam “referências orientadoras” de fenômenos sociais, econômicos e culturais. Para ele, o exercício da linguagem não pode ser visto unicamente como um recurso ou instrumento de expressão de ideias e valores. Para além de sua aplicação utilitária, a linguagem tem uma produtividade discursiva que lhe garante o potencial de gerar sentidos, ainda que seja em uma dimensão simbólica, sem alcançar o mundo real.

⁷ Antonio Gramsci, pensador italiano do início do século XX que defendeu a elevação cultural das massas, como forma de livrá-las de uma interiorização acrítica da ideologia de classes dominantes.

Seguindo seu raciocínio, afirma que, no caso do rádio, a linguagem se ajusta no interior das variabilidades, para possibilitar o domínio simbólico e, ao mesmo tempo, operar mecanismos de interação com as audiências. O autor vislumbra, assim, o potencial da linguagem de rádio na educação formal:

O rádio, lugar comunicacional por onde circulam informações, educação, entretenimento, levado para as salas de aula, seja para o trabalho com os materiais já existentes e postos à disposição da sociedade pelas emissoras comerciais, educativas, comunitárias, seja para que os próprios alunos produzam seus programas e os difundam nos espaços escolares, contribui com vistas ao desvelamento da informação e do conhecimento [...] Reside nesse tipo de iniciativa, que estimula as relações entre comunicação e educação, uma alternativa para se ouvir/ler/reler as palavras, no caso em exame, segundo a perspectiva que chamamos de compreensiva. (CITELLI, 2006, p. 103).

É por acreditar que as escolas são parte integrante de um ecossistema comunicativo, no qual os meios têm um papel educativo, que o autor vê nessa aproximação dos campos uma possibilidade de quebra do monopólio interpretativo dos discursos vigentes na sociedade. Para ele, constituem esse ecossistema as experiências culturais, a técnica e a tecnologia de que se valem os meios e os espaços educativos nos quais se produzem sentidos e conhecimentos.

Em convergência com Sodré (2006), Citelli afirma que os planos do afeto, da socialidade e da cognição são ressignificados dentro dos ecossistemas comunicativos, com intercorrências que vão além do encantamento estético. Ainda que a verbalidade mantenha o seu predomínio no ambiente educativo formal, gerando a necessidade de argumentar, elaborar e dispor raciocínios, a integração de linguagens aciona estratégias compreensivas, de apreensão de outras variáveis que constituirão os sentidos dos signos verbais em circulação.

Em estudo anterior, Citelli já havia afirmado que “os meios de comunicação e as novas linguagens devem ser pensados no contexto de um novo *sensorium*” (2004, p. 35), ou seja, com o reconhecimento de novas formas de ver e perceber o

mundo. Para isso, aponta dois desafios que se colocam ante a tentativa de promover o diálogo entre a escola e os meios de comunicação. No plano conceitual, trata-se da superação de uma tendência que se observa, de usar a tecnologia para reforçar o processo educativo tradicional. Em outras palavras, para além do encantamento com as tecnologias da comunicação, e passando da perspectiva estética para a ideológica, é preciso perceber a comunicação como “instância de mediação cultural dotada de linguagem própria”.

A ideia de mediações esteve presente desde os primeiros estudos do autor sobre a aproximação entre os fluxos comunicativos e as práticas escolares. Citelli (2000), ao destacar o fenômeno da mediatização, ou seja, da influência crescente dos meios tecnológicos no modo como as pessoas percebem o mundo e com ele se relacionam, evidencia a contribuição dos estudos de recepção para a área. Segundo o autor, os efeitos das mensagens da mídia na formação das pessoas não são tão diretos quanto se supunha, mas resultam de uma série de intermediações que promovem o desenvolvimento cognitivo social na era mediatizada.

Ao reconhecer, na interface educacional, os mecanismos interdiscursivos dos campos da comunicação e da educação, Citelli visualiza possibilidades de ampliar fluxos democratizadores na circulação de mensagens. Mas, não deixa de apontar que as assimetrias dos campos podem constituir obstáculo para uma incorporação crítica das formas de circulação da mídia, por parte da instituição escolar. Tais assimetrias resultam do fato de que, na prática pedagógica, a palavra é o elemento estruturante do pensamento e do discurso, enquanto que, na comunicação, suportes artísticos oferecem outros signos e códigos. Essa pluralidade de linguagens requer uma atitude compreensivo-interpretativa, bastante positiva para o processo de formação dos cidadãos.

A inter-relação entre a comunicação e a educação é entendida por Soares (1999) como um novo campo de intervenção social. As aproximações entre as duas áreas, embora não sejam recentes, começaram a ganhar contornos específicos a partir da segunda metade do século XX, com o aumento de participação das mídias no cotidiano da sociedade e na formação da opinião pública.

Esse campo, inicialmente ocupado pelo discurso moralizante de educadores preocupados em condenar os conteúdos considerados nocivos à cultura e à educação, evolui com o surgimento, em vários países, de projetos que visavam à análise crítica das mensagens dos meios. Esses projetos, que tinham nos anos de 1960 a 1970 um caráter mais ideológico, passaram para uma perspectiva mais científica, com a aplicação da análise do discurso.

O resultado da sistematização dos saberes vinculados a esse campo, empreendida pelo autor, leva a uma conceituação de 'educação para os meios' que ajuda a compreender o lugar ocupado pelos meios de comunicação na sociedade contemporânea, bem como o impacto social dos mesmos. Também estão no foco desses estudos as implicações da comunicação mediatizada e a modificação do modo de percepção que dela decorre. Soares atribui às possíveis intervenções nessa área um papel democratizador de recursos e linguagens da comunicação, o que contribui para a expressão dos indivíduos e grupos sociais.

Sobre as práticas educativas que abarcam os saberes ligados aos meios de comunicação, Orozco-Gómez (2002) convoca a escola a assumir um papel mediador crítico do processo de recepção midiática. O primeiro motivo seria fazer da mídia uma aliada, reconhecendo que ela dispõe de um atributo facilitador da aprendizagem, que é a reprodução de situações reais, enquanto a escola preocupa-se basicamente em criar situações propícias ao processo ensino-aprendizagem.

O segundo é abrir os olhos a essa realidade, uma vez que ninguém está imune à circulação de informações, significados e sentidos, gerados e difundidos pelos meios de comunicação de massa. Por fim, entender que a intervenção pedagógica tem um caráter fortalecedor da capacidade do educando de ressemantizar as mensagens recebidas. Desse modo, o educador percebe a importância de abordar as linguagens midiáticas, como instrumental do processo de construção do conhecimento, visando à autonomia e o senso crítico.

O RÁDIO E A EDUCAÇÃO DE JOVENS

No Brasil, como já dissemos, as programações de rádio refletem, em geral, os interesses dos anunciantes, e difundem uma suposta cultura de massa, razão pela qual podemos afirmar que não estimulam a percepção da diversidade cultural e muito menos a valorização da mesma. As emissoras investem na formação de um ouvinte mais consumidor de mensagens do que propriamente reflexivo, bem de acordo com o papel cumprido pelos meios de comunicação de servir como instrumentos de imposição e circulação de padrões de comportamento.

O público, em especial o adolescente, é atraído pela linguagem ágil e informal do rádio e, assim como adere facilmente aos padrões musicais, assume também os valores comportamentais difundidos à exaustão. Esses padrões, por sua vez, geram necessidades materiais que sustentam o ciclo de financiamento da mídia. Resta às rádios que têm compromisso com a educação e a transformação social, o papel de exercer um contraponto, com propostas democratizantes de comunicação participativa e culturalmente enriquecedoras, principalmente para o público jovem.

No campo da educação, algumas tentativas vêm sendo feitas, especialmente pela iniciativa de secretarias estaduais e municipais de educação, de levar a experiência midiática para o espaço escolar. São projetos que oferecem equipamentos e treinamento a professores, para simular a produção radiofônica e a edição de jornais no espaço escolar. É bem verdade que uma educação empenhada em ultrapassar os muros da escola precisa enfrentar o desafio de lidar com diferentes linguagens para a construção do conhecimento e a formação do pensamento crítico.

Do ponto de vista político-pedagógico, porém, é recomendável que uma proposta de implantação de rádio escolar seja fundamentada em ações como: promover a escuta crítico-reflexiva de produções diversas, antes de estimular o jovem a produzir seu próprio programa de rádio; orientar a produção de pautas

representativas dos interesses do grupo; integrar os diferentes sujeitos, alunos, professores e familiares, no processo comunicativo.

Várias experiências de rádio na escola já foram realizadas no Brasil. A principal referência é o **Educom.Rádio**, promovido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, o NCE/USP. O objetivo do projeto é qualificar alunos e professores do ensino fundamental de escolas públicas para práticas de educomunicação⁸, através do uso da tecnologia de rádio. Desde a criação do núcleo, no final dos anos 1990, o **Educom.Rádio** fez amplo trabalho, ao implantar sua metodologia de rádio na escola nas redes municipais de ensino da capital e de algumas cidades do interior de São Paulo, além de outros estados. Os consultores do projeto davam qualificação aos professores e alunos das escolas participantes, as quais recebiam da Secretaria de Educação um kit de equipamentos com microfones, mesa de som, cd player, e um sistema de caixas acústicas para instalar no pátio e nas salas de aula.

Ainda é possível, acessando o site <http://www.usp.br/nce>, visualizar uma chamada que promete ensinar “Como montar uma Rádio na escola”. Basta um click para abrir os “Manuais de Implementação de Rádio Escolar”. Um dos pontos positivos do projeto foi ampliar o conceito de qualificação, ao oferecer ao público beneficiado palestras e atividades com especialistas em temas chamados transversais, como sexualidade, meio-ambiente, ética e outros. Por outro lado, a crítica que se faz, neste trabalho, a projetos educacionais implantados pelos sistemas oficiais de ensino é a dificuldade de superação do paradigma das ‘novas’ tecnologias na educação. Segundo essa visão, ainda muito presente nos espaços escolares, a introdução do aparato midiático é entendida como oferta de recursos de apoio a fazeres pedagógicos estabelecidos.

Outro referencial importante é projeto de rádio de uma organização não governamental, o “**Cala a boca já morreu**”, que surgiu com o propósito de

⁸ O neologismo surgiu das experiências de educação para a comunicação realizadas nos países latino-americanos, desde a década de 1970. No Brasil, o principal responsável por sua difusão foi o Prof. Ismar de Oliveira Soares, do Núcleo de Comunicação e Educação da USP. Soares propõe uma significação mais ampla para o termo, abrangendo formas e usos alternativos da comunicação focados no exercício da cidadania.

promover, por meio de oficinas gratuitas de rádio, vídeo, jornal e internet, para crianças e adolescentes carentes de São Paulo, o protagonismo infanto-juvenil, com estímulo à autogestão dos processos comunicativos e administrativos. Trata-se de uma tentativa de inverter a lógica da grande mídia, segundo a qual pouquíssimas pessoas definem aquilo que um grande público vai ouvir, ler e assistir.

A metodologia das oficinas é pautar os programas, dividir responsabilidades, apresentar/fruir o programa e, no final, avaliar o processo. Tudo decidido pelo grupo. Um coordenador adulto faz a mediação e prepara um jovem gestor que, futuramente, multiplica a experiência. A experiência parece revelar que o **“Cala a boca já morreu”** foi realmente além dos muros da escola, até porque não se fixou no interior da mesma. Sua dificuldade, por outro lado, é a da sustentação do projeto, dada a dependência de recursos e meios para difundir os produtos elaborados pelo público participante – um reflexo direto da monopolização dos meios de comunicação, que servem muito mais ao poder econômico do que aos interesses da sociedade como um todo.

Para Baltar et al. (2008), que discutem a implementação de rádios em escolas públicas como ferramenta de interação sociodiscursiva, as rádios escolares podem até funcionar como recurso de ‘ensinagem’ de conteúdos, mas caracterizam-se principalmente por serem instrumentos de interação sociodiscursiva entre os membros da comunidade escolar, uma experiência que, segundo os autores, tem o mérito de contribuir para uma reflexão sobre as relações entre comunicação e educação.

A INTRODUÇÃO DA LINGUAGEM DE RÁDIO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Na gestão iniciada em 2010, a direção do Colégio de Aplicação da UEL demonstrou interesse em implantar um projeto de rádio na escola. Em uma reunião

entre a equipe gestora da escola e a coordenação do E-RADIAR⁹, ficou definido que a proposta seria levada a estudantes de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e também de 1ª e 2ª séries do Ensino Médio. Antes, porém, foi feita uma apresentação do projeto para os professores da escola, durante a semana de formação pedagógica. Cerca de 40 professores puderam conhecer o trabalho realizado pelo E-RADIAR em outras escolas, e discutir as possibilidades de implantá-lo no Colégio de Aplicação.

No segundo semestre letivo, o projeto foi divulgado e, recebidas as inscrições, foram formadas quatro turmas, totalizando 25 alunos que participaram espontaneamente das oficinas.

A escola solicitou e recebeu da Universidade Estadual de Londrina equipamentos doados pela Receita Federal, entre eles: microfones, gravadores digitais, mesa de som, amplificador, caixas de som e um microcomputador. A sala de informática foi reservada para os encontros com os alunos, enquanto a direção providenciava a reforma e adaptação de uma sala para a instalação dos equipamentos e montagem de um estúdio de rádio.

Desde os primeiros encontros, os participantes revelaram sua motivação em fazer programas pautados em temas pertinentes ao seu cotidiano, aos seus anseios e às suas expectativas. O nível de elaboração das pautas propostas variou de acordo com a maturidade dos grupos. Assim, entre os mais novos, surgiram matérias com dicas para as férias, entrevistas sobre a importância da prática de esportes, investigação sobre o interesse por livros e declamação de poesia. Tudo feito com muitas vozes colhidas em enquetes e com a valorização de um conteúdo musical bem ao gosto do público adolescente.

O grupo formado por estudantes do ensino médio e da 8ª série do fundamental pautou a preocupação com o futuro como tema central de sua produção. Com o título 'O Amanhã', o programa foi se desenvolvendo por meio de uma articulação de pesquisas, enquetes e entrevistas que abordaram questões como projetos de vida,

⁹ Projeto de Rádio Escolar da Rádio UEL FM, emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina, que promoveu oficinas de produção radiofônica com estudantes de escolas públicas da cidade de Londrina.

definição profissional, vestibular e pressão psicológica. A divisão de funções entre os participantes aconteceu de maneira muito espontânea, dando oportunidade a todos de explorar seus potenciais para a redação, a locução, as entrevistas e a edição de áudio. A programação musical foi feita com muita consciência, na medida em que buscou resgatar composições que fizeram sucesso junto ao público, mas que também guardavam, em suas letras, uma relação com a temática das matérias.

No dia 9 de dezembro de 2010, a Rádio UEL FM realizou uma transmissão especial ao vivo, diretamente do Colégio de Aplicação. As aulas encerraram mais cedo nesse dia, para que os estudantes pudessem se reunir na quadra e ouvir os programas produzidos nas oficinas. A transmissão teve ainda entrevistas ao vivo e apresentação de uma banda formada por estudantes do colégio. Os áudios da transmissão, assim como os das produções completas das turmas participantes, podem ser acessados no link do projeto E-RADIAR, disponível no site da UEL FM: <http://www.uel.br/uelfm/eradiar.php>

Durante o período de realização das oficinas, os estudantes fizeram dezenas de captações de áudio, entre enquetes, entrevistas e sons ambientes. O material obtido, aproximadamente quatro horas de gravação, foi utilizado na etapa de edição, segundo critérios de selecionamento, hierarquização das informações e composição da narrativa radiofônica. O trabalho das turmas incluiu, nessa fase, a roteirização das matérias e programas, a redação/gravação das locuções e a sonorização com músicas e efeitos sonoros. Após a montagem, foram obtidos cerca de 40 minutos de programas acabados, o que reflete um resultado bastante satisfatório, do ponto de vista quantitativo, para um projeto que se propôs a introduzir a linguagem de rádio no contexto educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os resultados da prática são motivadores para investir na continuidade da ação. Vale ressaltar, no entanto, a assimilação rápida dos fundamentos da

1 | REVISTA ELETRÔNICA PRO-DOCÊNCIA. UEL. Edição Nº. 1, Vol. 1, jan-jun. 2012.
DISPONÍVEL EM: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>

produção radiofônica por parte dos estudantes, o que confirma o pressuposto de que a utilização da linguagem de rádio na escola tem efeitos muito positivos para a ampliação das possibilidades de construção do conhecimento. O índice de participação no projeto, percentualmente baixo em relação ao total de estudantes do colégio, gerou uma preocupação inicial quanto à comprovação da hipótese de que o rádio tem ainda o poder de encantar o público adolescente.

Com o desenvolvimento das práticas, no entanto, foi possível perceber outras formas de adesão por parte daqueles que não se envolveram diretamente na produção. A conclusão é que os estudantes do Colégio de Aplicação, possivelmente por terem acesso a diferentes opções de atividades culturais e formativas, tendem a aderir às práticas propostas de forma mais consciente, optando por aquelas que correspondem melhor aos seus interesses. Logo, os estudantes que aderiram à proposta de fazer rádio na escola são uma amostra real da parcela que, na sociedade, tem maior inclinação para práticas comunicativas.

Do ponto de vista da experimentação pedagógica, a implantação do projeto com o apoio da equipe gestora do Colégio de Aplicação propiciou resultados que motivaram professores, equipe pedagógica e estudantes da escola a desenvolver um projeto próprio, no qual pudessem utilizar a linguagem de rádio em práticas educacionais inseridas no cotidiano escolar. O estúdio da rádio ficou pronto em 2011, assim como o sistema de som ambiente, através do qual produções experimentais começaram a chegar às salas de aula e a outros espaços do colégio.

O desafio que se coloca para a escola, a partir deste ponto, é tornar permanente a rádio escolar, como atividade complementar de formação dos estudantes. Muitas sugestões estão sendo feitas por alunos e professores, alimentando o diálogo entre a ação pedagógica e a mediação técnica. Para isso, concorrem a infra-estrutura disponibilizada para as práticas, a reflexão epistemológica sobre o que elas representam para o Projeto Político Pedagógico da escola e o estímulo a iniciativas por parte de professores e estudantes. Tudo isso, convenhamos, compatível com um ideal de educação inovadora.

REFERÊNCIAS

- BALTAR, Marcos et al. *Rádio escolar: uma ferramenta de interação sociodiscursiva*. In: Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 8, n. 1, Rio de Janeiro: ALAB, 2008.
- BELLONI, Maria Luiza. *O que é Mídia-Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- CITELLI, Adilson. *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. *Educação e mudanças: novos modos de conhecer*. In: *Outras linguagens na escola*, 4ª. ed. CITELLI, Adilson (Coord.). São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: SENAC, 2000.
- COGO, Denise Maria. *Televisão, Escola e Juventude*. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*. In: SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*, São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MEDITSCH, Eduardo. *Teorias do rádio: textos e contextos*, Vol. I, Florianópolis: Insular, 2005.
- OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. *Comunicação, Educação e Novas Tecnologias: tríade do século XXI*. In: Revista Comunicação e Educação, São Paulo, ano 8, nº 23, 2002.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. In: Revista Contato, Brasília, ano 1, nº 2, 1999.
- SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: Ed. UnB, 2004.